

A PERCEPÇÃO DE UM GRUPO DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL ACERCA DO FENÔMENO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

GONTIJO, Simone Braz Ferreira – Faculdade JK
simonegonti@gmail.com

SABOIA, Fabiana Ferreira dos Santos – Faculdade JK
fabiana_saboia@hotmail.com

Área Temática: Fatores, manifestações e relações sociais no espaço escolar.
Agência financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo analisar as atitudes dos professores e da direção da escola em relação ao *bullying*. Para tanto, foi realizado um estudo de natureza quantitativa, em uma escola particular da cidade de Ceilândia-DF, sendo aplicado um questionário aos professores, a orientadora educacional do ensino fundamental e a diretora pedagógica, com o objetivo de verificar a percepção e a prática pedagógica do professor em relação ao *bullying* e investigar se a escola utiliza métodos de prevenção. Foi analisada a organização do trabalho pedagógico em relação a prática do *bullying*, a partir das pesquisas realizadas por Fante(2005). Constatou-se que, além de se reconhecer que a prática do *bullying* está presente no cotidiano escolar, é preciso conhecer os danos que essa prática pode causar tanto no aspecto psicológico quanto pedagógico, em relação ao aluno. Dessa forma, não se pode agir com descaso e negligência em relação ao assunto, sendo urgente repensar o trabalho pedagógico da escola de forma a implantar projetos e medidas preventivas. Isso porque não só a direção da escola, mas todos os envolvidos com o ambiente escolar devem ter a iniciativa na elaboração de projetos que visem diminuir o sofrimento de crianças e adolescentes, uma vez que o *bullying* é um fenômeno primordialmente escolar, mas que interfere direta e indiretamente todos os outros espaços de convivência entre pessoas, por exemplo, no trabalho. Outro aspecto relevante a ser considerado é a necessidade de se capacitar o professor para agir ao constatar situações consideradas como prática do *bullying*, uma vez que a pesquisa demonstrou que para os alunos vítimas do *bullying* buscam nele auxílio para solucionar o problema.

Palavras-chave: Bullying; Professores; Organização do trabalho pedagógico.

Introdução

.Diariamente, cenas de violência e hostilidade permeiam o ambiente escolar, mas, na maioria das vezes, essa violência é vista como brincadeira. Essa violência, que não está restrita a nenhum tipo de instituição escolar, estimula a delinquência e induz a outras formas

de violência, formando cidadãos com baixa auto-estima, dificuldade de auto-aceitação e interfere no processo de aprendizagem. Sendo assim, o *bullying* pode ser caracterizado como um problema social e que afeta a comunidade escolar de forma ampla e onde é preciso que os professores e a direção da escola busquem alternativas para a organização do trabalho pedagógico que minimizem essa prática.

Desenvolvimento

A violência passou a fazer parte do nosso dia-a-dia, ela afeta pessoas de diferentes camadas sociais, independentes de faixa etária e em todos os lugares do mundo, isto porque o ser humano vive uma busca constante de afirmar sua posição e importância para a sociedade na qual está inserido. A violência praticada no cotidiano escolar pode assumir muitas formas, mas na prática do *bullying* comumente verificamos a prática da violência simbólica. A violência simbólica é definida por Zaluar e Leal (2001, p.148) como “a violência que se exerce também pelo poder das palavras que negam, oprimem ou destroem psicologicamente o outro”.

Assim, o fenômeno *bullying* não se expressa através de murros e tapas, mais sim por meio de zombaria e do ridículo contra a integridade moral de aluno que se transformar em motivo de chacotas, sendo apelidado e excluído do meio social, seja por suas atitudes, maneira de se vestir ou de pensar. Essa prática é contínua, persistente e não precisa de razões para acontecer.

A palavra *bullying* ainda não tem um termo equivalente para a língua portuguesa, é definida como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotado por um ou mais alunos contra outro(s) causando dor, angústia e sofrimento. Sendo a violência oculta a principal característica da prática do *bullying*. São comentários maldosos, apelidos depreciativos, fofocas ou gracinhas que ocorrem sem motivação evidente tornando possível a intimidação da vítima. (FANTE, 2005)

Segundo Fante (2005, p.27), a palavra *bullying* é um “... termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica, nos estudos sobre o problema da violência escolar”.

Quando a vítima do *bullying* se prepara para ir a escola já sabe o que a espera e o seu desejo, muitas vezes, é de fugir, pois sabe que pouco há que se possa fazer para que a violência não aconteça. Uma das possibilidades para conter essa prática seria informar aos

seus pais ou professores, mas para a vítima isso poderia agravar ainda mais a situação, então prefere guardar esse sofrimento silenciosamente, o que pode gerar um sentimento de revolta que, misturado ao medo, muitas vezes transforma-se em ódio, desejo de vingança e vontade de destruir seus agressores.

Por essa prática ser comum e encontrada em qualquer instituição, a escola pode acabar sendo uma tortura para crianças vítimas de *bullying*, pois essa prática causa dor, angústia e sofrimento a indivíduos fisicamente e/ou psicologicamente mais fracos e incapazes de se defender. Para Lopes Neto (2005):

A escola é de grande significância para as crianças e adolescentes, e os que não gostam dela têm maior probabilidade de apresentar desempenho insatisfatório, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. Os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico estabelecem uma relação direta, onde os estudantes que perceberem esse apoio terão maiores possibilidades de alcançar um melhor nível de aprendizado. Portanto, a aceitação pelos companheiros é fundamental para o desenvolvimento da saúde de crianças e adolescentes, aprimorando suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação diante situações de tensão (p.3).

O *bullying* é um fenômeno mundial. No início da década de 1970, surgiu na Suécia, um grande interesse da sociedade pelos problemas desencadeados entre os figurantes desse fenômeno, logo outros países também se interessaram pelo assunto. Mas só no final de 1982, depois que um jornal da Noruega noticiou um suicídio que ocorreu com três crianças aparentemente motivadas pela situação de maus-tratos a que eram submetidas pelos seus companheiros de escola que o Ministério da Educação da Noruega, em 1983, resolveu fazer uma campanha em escala nacional contra os problemas entre agressores e vítimas.

Após a Campanha Nacional Anti-Bullying, realizada na Noruega, surgiram outras campanhas e estudos em vários países da Europa e América do Norte com os objetivos de diagnosticar as causas e natureza do *bullying*. Além disso, a exclusão social nas escolas tornou-se objeto de pesquisa verificando as causas e as conseqüências desse problema até a vida adulta, identificando possibilidades de prevenção, entre outros objetivos.

No Brasil, as pesquisas em relação ao fenômeno *bullying* ainda estão em fase inicial. Por meio de uma pesquisa realizada pela ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA, 2003) em escolas do

município do Rio de Janeiro, foi constatado que o *bullying* se faz presente em nossas escolas com índices superiores aos apresentados em países europeus.

No cotidiano escolar é fato que existam relacionamentos conturbados e agressivos entre estudantes. Essa é uma realidade vivenciada diariamente, pelos alunos e, muitas vezes é subestimada pelos professores. O *bullying*, geralmente, é tratado pelos professores com descaso, não por serem relapsos, mas por falta de conhecimento com relação ao tema e isso faz com que as vítimas sintam-se inseguras e os agressores são visto como alunos indisciplinados.

Muitas vezes, essa prática passa despercebida por se tratar de uma violência simbólica que acontece de forma sutil. Crianças e adolescentes recorrem a essa violência utilizando-se de palavras que machucam, excluem e destroem psicologicamente o outro.

Freqüentemente, as crianças intimidadoras, as que praticam o *bullying* no ambiente escolar, aprendem sobre o poder da agressão em casa, onde crescem em num ambiente onde a dominação e a força são utilizadas como medidas de valor social de um indivíduo. A criança recebe dos pais valores que irão fundamentar a construção de sua personalidade e caráter que, ao longo dos anos, poderão ser lapidados pela escola.

De acordo com Vasconcelos (2002):

[...] Bourdieu considera que a transmissão pela escola da cultura escolar (conteúdos, programas, métodos de trabalho e avaliação, relações pedagógicas, práticas lingüísticas), própria à classe dominante, revela uma violência simbólica exercida sobre os alunos de classes populares (p.4).

Assim, a violência simbólica pode ser praticada pelos profissionais que trabalham na escola utilizando mecanismos como punições, castigos, rebaixamento de notas, reprovação etc.

O relacionamento entre professor e aluno deve favorecer a criação de um vínculo, onde o respeito e a tolerância sejam à base das ações pedagógicas, pois à medida que o professor estabelece vínculos significativos colabora com a diminuição da violência simbólica não só no âmbito professor-aluno, mas também na existente entre os alunos que se apresenta, muitas vezes, na forma de desrespeito e competição.

A forma como o professor se impõe em sala de aula pode servir de modelo educativo e dessa maneira o transformar-se num exemplo para seus alunos. Para Lopes Neto e Saavedra

(2003) “O professor que estimula a competição terá alunos competitivos; se adotar uma postura autoritária dará origem ao surgimento de condutas tiranas por parte de alguns alunos e outros poderão sentir medo e insegurança” (p.60).

O desconhecimento com relação ao fenômeno faz com que muitos educadores adotem a postura de autores de *bullying* dentro da sala de aula, pois tal postura reforça o comportamento negativo e dando origem a problemas, como agressão verbal, imposição de autoridade, intimidação que acabam prejudicando ainda mais o bom desenvolvimento social e a escola por se tratar de um local que recebe indivíduos de várias idades, culturas e valores, acaba contribuindo para o surgimento de conflitos, ansios, busca de auto-afirmação.

Esses aspectos se confrontam com os objetivos que permeiam o trabalho escolar: formar integralmente o ser humano, buscando desenvolver sua criticidade, de forma que possa atuar ativamente na sociedade em que está inserido. Cabe a escola promover aos alunos uma vivência social aberta às experiências e ao aprimoramento das relações entre eles.

A escola deveria proteger as vítimas de *bullying* e permitir que desenvolvam sua capacidade de auto defesa. Os agressores necessitam de um ambiente que os eduque para a reflexão de suas ações violentas, bem como ao aprendizado das regras básicas de boa convivência. Os educadores têm que assumir o papel de construtores de contextos significativos. Para Constantini (2004):

Crescer próximo ao adolescente significa descobrir, com respeito recíproco e na relação cotidiana, um novo rumo comum, ligado àquilo que acontece na realidade, aos fatos e aos comportamentos concretos, à originalidade de cada um, à troca e ao confronto relacional que pode até ser intenso e conflitual, mas também igualmente importante para aprender a conhecer-se. (p.80).

A escola não deve ser apenas um local de ensino formal, mas também, de formação cidadã, de direitos e deveres, amizade, cooperação e solidariedade. (FANTE, 2005, p. 91) “Agir contra o *bullying* é uma forma barata e eficiente de diminuir a violência entre estudantes e na sociedade”.

Algumas atitudes dos professores podem colaborar para a implantação de um programa de combate ao *bullying*, como, por exemplo, não criticando publicamente os alunos que costumam tirar as notas mais baixas ou que são psicologicamente mais frágeis, pois essas atitudes tendem a gerar manifestações de zombarias. Ao sentir que pode contar com o apoio

dos educadores e demais envolvidos no processo educativo, as vítimas e testemunhas de *bullying* são beneficiadas.

Fante (2005), considerando a necessidade de se oferecer modelos educativos capazes de transformar o quadro de violência escolar, elaborou o Programa Educar para a Paz. O programa se baseia em uma filosofia sustentada pelos valores de tolerância e solidariedade a fim de que os alunos desenvolvam habilidades para resolver seus conflitos escolares e domésticos sem que adotem posturas tipicamente violentas.

Conhecer a realidade da escola - conscientização - e assumir o compromisso de intervir nos problemas – comprometimento - são os dois passos decisivos para começar a abordar a questão da violência em uma escola: primeiro, portanto, a conscientização, e segundo, o comprometimento (FANTE, 2005. p.97).

A conscientização dos alunos em relação ao problema consiste no primeiro passo de um programa que leva o educando a refletir a sua realidade e as possibilidades de transformação da mesma. Os envolvidos no processo de intervenção anti-*bullying*, devem estar cientes da importância de sua participação, bem como buscarem total comprometimento a fim de que se alcancem todos os objetivos propostos pelas ações contra a violência.

Método

O objetivo do estudo foi analisar as atitudes dos professores e da direção da escola em relação ao *bullying* e as influências que esse exerce na organização do trabalho pedagógico. Essa análise se deu a partir da percepção dos professores, da orientadora educacional do ensino fundamental e da diretora pedagógica, acerca da prática pedagógica em relação à contenção e prevenção da prática do *bullying* no âmbito escolar. O estudo foi realizado em uma escola particular da cidade de Ceilândia-DF.

Essa escola foi escolhida por desenvolver um projeto pedagógico intitulado “Respeito e Cidadania”, voltado ao trabalho a partir dos temas transversais apontados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, envolvendo, principalmente, valores.

Foi realizado um estudo descritivo, através da abordagem de pesquisa quantitativa, sendo o questionário aplicado aos professores, à orientadora educacional e a diretora pedagógica.

Participaram do estudo dezenove professores da Educação Básica, sendo essa amostra corresponde a 50% do total de professores regentes que trabalham na escola. Quanto ao corpo de direção da escola participaram da pesquisa a orientadora educacional do ensino fundamental e a diretora pedagógica.

Para este estudo foi elaborado um único questionário para os professores e corpo de direção, uma vez que objetivo em relação aos questionários aplicados foram os mesmos para ambos os interlocutores de pesquisa.

O questionário é composto por 12 questões, sendo 10 com enunciados fechados, baseados em uma escala de quatro pontos, contendo cada enunciado quatro possibilidades de respostas variando de sim, não, não sei e às vezes e duas questões abertas.

Resultados

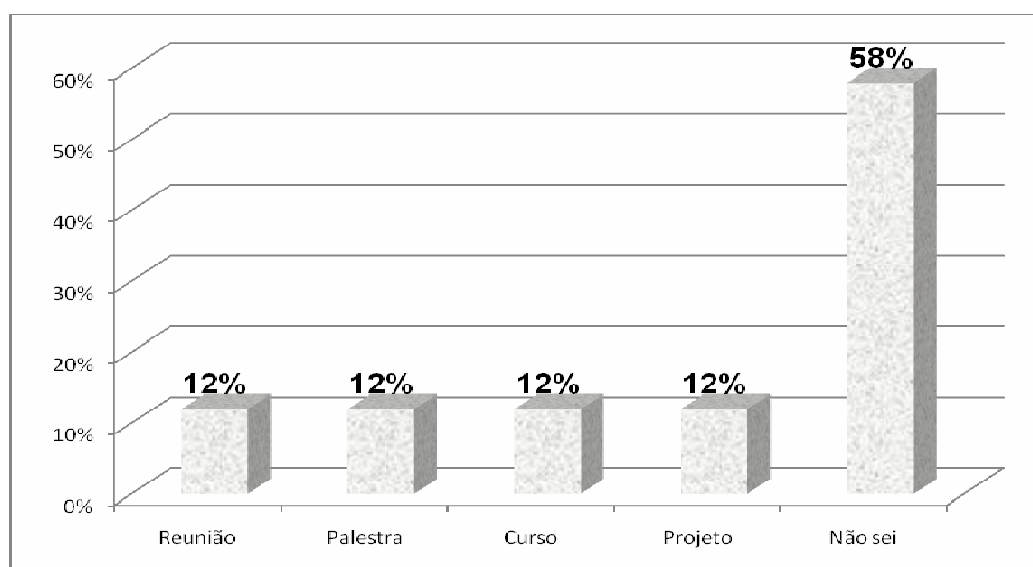
Para a apresentação dos resultados da pesquisa os dados coletados através do questionário foram organizados em tabela, para as questões fechadas, e gráficos, para as questões abertas.

Na tabela 1 encontram-se compiladas as respostas às questões fechadas do questionário e representa a percepção de professores e direção sobre a existência da prática do bullying no ambiente escolar.

Tabela 1 – A prática do *bullying* no ambiente escolar segundo professores e direção

	Descritores	Sim	Não	Às vezes	Não sei
1.	Você acredita que na sua escola existe entre os alunos a prática do <i>bullying</i> ?	43%	0%	29%	14%
2.	Você já foi alvo de gozação e preconceito na escola?	33%	48%	19%	0%
3.	O fato de alguns alunos colocarem apelidos depreciativos, contra outro aluno, pode causar problemas pedagógicos neste aluno futuramente?	48%	14%	24%	14%
4.	Você acredita que a prática do <i>bullying</i> pode causar prejuízo emocional e sofrimento aos alunos que são vítimas dela?	62%	0%	24%	14%
5.	Os conteúdos transversais desenvolvidos pela escola como respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade priorizam o convívio escolar?	57%	19%	24%	0%
6.	Como educador (a) você trabalha a auto-estima com seus alunos?	56%	29%	10%	5%
7.	A violência que acontece de forma sutil é mais difícil de ser percebida. Essa violência acontece em sua sala de aula?	28%	29%	14%	29%
8.	Você como professor (a) se sente preparado para intermediar possíveis situações de <i>bullying</i> entre seus alunos?	47%	24%	24%	5%
9.	A direção da escola está preparada para intervir nos atos considerados como <i>bullying</i> ?	33%	24%	24%	19%
10.	A escola tem projetos pedagógicos, como seminários, palestras, etc que tratam sobre o tema <i>bullying</i> ?	14%	33%	29%	24%

No gráfico 1 está configurado as respostas dadas à questão 11 do questionário onde foi perguntado quais atividades a escola promove que podem colaborar para minimizar a prática do *bullying* dentro da mesma.

Gráfico 1 – Atividades promovidas pela escola para minimizar a prática do *bullying*

No gráfico 2 são apresentadas as respostas dadas à questão 12 do questionário onde foi perguntado o conceito de *bullying*.

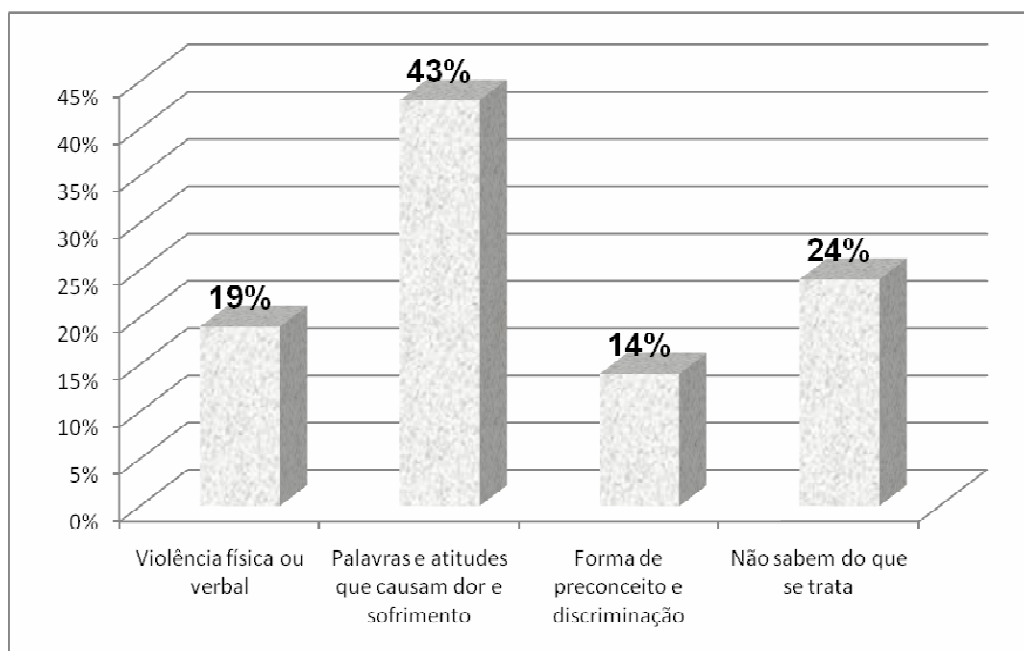


Gráfico 2 – Conceito de *bullying*

Discussão

Quanto à amostra selecionada, pode-se perceber que a mesma é significativa por se tratar 50% do corpo docente da instituição de ensino. Salienta-se que os demais professores também foram convidados a participar, porém entregaram o questionário parcialmente respondido ou não devolveram o mesmo.

Em relação à prática do *bullying* entre os alunos percebe-se que os profissionais da educação têm consciência e conhecimento sobre esse fenômeno. “é necessário que a comunidade escolar esteja consciente da existência do fenômeno e, sobretudo, das conseqüências advindas desse tipo de comportamento.” (FANTE, 2005, p.91). Para que seja então, capaz de agir e combater esse comportamento cada vez mais freqüente nas escolas.

O estudo demonstra que, em relação aos professores já terem sofrido com *bullying* enquanto estudantes, pouco mais da metade dos respondentes reconhece ter sido vítima de *bullying*, porém, muitas vezes a vítima de *bullying* se nega a reconhecer que é alvo de gozação na escola, mesmo já tendo passado algum tempo do ocorrido e não estando mais em perigo de sofrer represálias. De acordo com Fante (2005):

Não raro alguns alunos são tomados pelo medo de que sua reputação seja ameaçada ou de provocarem o desdém ou a desaprovação dos agressores se alguém os vir em companhia o aluno alvo das gozações. Alguns temem se tornar a próxima vítima, e, dessa forma, o isolamento do aluno, alvo do *bullying*, é fato consumado (p.49).

Quando perguntado aos professores sobre o fato de alguns alunos colocarem apelidos depreciativos, contra outro aluno, e isso causar problemas pedagógicos neste aluno futuramente, 48% concorda que isso pode ocorrer e acarretar desinteresse pela escola e na falta de estímulo pelos estudos.

De acordo com Lopes Neto e Saavedra (2003):

O hábito de colocar apelidos parece ser uma das formas mais freqüentes em todo o mundo. A identificação dos jovens pelo uso das palavras que se refere a alguma característica individual como, por exemplo, ser gordo, magro, negro, baixo, usar óculos, etc, podem parecer brincadeiras sem maiores conseqüências, mas em muitos casos pode ser uma causa de sofrimento e angústia para quem é assim denominado (p.46).

Assim, não é adequado ao professor achar que essa atitude é apenas brincadeira, sem a intenção de magoar e que a vítima não terá problemas ou conseqüências motivadas pela ofensa, pois esses são pensamentos que fazem com que esse tipo de violência se propague cada vez mais.

Ao se questionar sobre o sofrimento e prejuízo emocional que o *bullying* causa as suas vítimas percebe-se que 62% dos professores está consciente dos traumas que a prática do *bullying* pode causar na criança ou no adolescente e que poderá acarretar danos emocionais, muitas vezes, irreparáveis. Para Fante (2005):

A superação dos traumas causados pelo fenômeno poderá ou não ocorrer, dependendo das características individuais de cada vítima, bem como da sua habilidade de se relacionar consigo mesma, com o meio social e, sobretudo, com a sua família. A não-superação do trauma poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico, uma vez que a experiência traumatizante orientará inconscientemente o seu comportamento, mais para evitar novos traumas do que para buscar sua auto-superação (p.79).

Quando analisado se os conteúdos transversais desenvolvidos pela escola como respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade priorizam o convívio escolar, 57% dos professores afirmaram que sim. Conforme os PCN (2001):

a perspectiva transversal aponta uma transformação da prática pedagógica, pois rompe a limitação da atuação dos professores às atividades formais e amplia a sua responsabilidade com a sua formação dos alunos. Os Temas Transversais permeiam necessariamente toda a prática educativa que abarca relações entre os alunos, entre os professores e alunos e entre diferentes membros da comunidade escolar (p.38).

Esse dado indica que os professores acreditam no projeto desenvolvido pela escola e que o mesmo colabora para que os alunos convivam de forma mais harmoniosa em seu espaço.

Ao analisar se o professor trabalha a auto-estima com seus alunos, 56% dos respondentes informou que trabalha a auto-estima dos alunos. Foram apresentadas como atividades promovidas com esse objetivo o trabalho com dinâmicas, atividades que promovem o carinho e respeito um pelo outro, bastante diálogo, elogios entre outras.

Para Fante (2005) “é essencial criar hábitos solidários e, aos poucos, a criança vai aumentando sua auto-estima e se integrando à escola, conquistando a confiança necessária em si mesma e adquirindo habilidades para defender-se”. (p.151).

Assim, é preciso que os professores trabalhem freqüentemente a auto-estima dos seus alunos, valorizando e respeitando sua autonomia, evitando comentários pejorativos e evitando devolver as atividades e provas feitas pelos alunos em ordem de nota decrescente, pois atitudes como essas causam constrangimento e gozações entre os alunos.

Quando questionado aos participantes se a violência simbólica ocorre dentro da sala de aula, 28% dos professores responderam que sim. Porém, em questões anteriores os mesmos professores reconhecem a existência do *bullying* na escola o que indica incoerência nas respostas dadas pelos mesmos.

Nos últimos tempos vêm se desenvolvendo novos paradigmas da violência, pelos novos significados que assume, ampliando-se o conceito e incluindo eventos que passavam por práticas costumeiras nas relações sociais (ABRAMOVAY et al, 1999, p.57).

Para muitos professores a violência só ocorre quando há agressão física, por isso, na maioria das vezes, os xingamentos, os insultos e apelidos não são vistos pelos professores como violência, mas apenas como atitudes comuns e banais entre as crianças.

Foi questionado ainda se o professor se sente preparado para intermediar possíveis situações de *bullying* entre seus alunos, 47% dos professores afirmou que sim. Conforme Constantini (2004):

O adulto, no papel de educador, tem a grande responsabilidade na ação de combater a esse fenômeno. Sua função seria, de um lado, chamar a atenção do agressor com firmeza em relação ao respeito ao outro, à convivência social e às regras ligadas a esta; de outro, desenvolver todas as práticas e estratégias pedagógicas que favoreçam a educação voltada para as relações e para os enfrentamentos entre os membros do mesmo grupo-classe (p.70).

Apesar de muitos professores sentirem-se preparados para intervir na prática do *bullying*, muitas vezes, o que se percebe é que alguns professores não possuem conhecimento ou noção da maneira correta de agir. Por isso se faz necessário trabalhar com as crianças, a importância do respeito mútuo, procurando mostrar aos alunos as conseqüências que seus atos podem causar, tanto para o agressor como para a vítima do *bullying*.

Em relação à intervenção da direção na prática do *bullying* 33% dos entrevistados disseram que a direção da escola está preparada para intervir nos atos considerados como *bullying*, 24% disseram que às vezes, 24% responderam que a direção da escola não está preparada e 19% não souberam responder. Segundo Fante (2005):

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidades para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida (p.91)

Por meio dos dados apresentados infere-se que é preciso desenvolver ações que combatam esse tipo de ato entre os estudantes, onde os responsáveis pelas instituições escolares tomem atitudes com urgência para que seja evitado cada vez mais o aumento da prática do *bullying* no âmbito escolar.

Foi questionado aos professores se a escola tem projetos pedagógicos, como seminários e palestras, que tratem sobre o tema *bullying*. Das respostas obtidas 14% dos professores responderam que a escola tem projetos pedagógicos, como seminários e projetos,

29% responderam que às vezes a escola propõe essas atividades, 33% disseram que não e 24% não sabem.

Dos respondentes que acreditam que a escola tem projetos pedagógicos, apontaram como atividades que abordam essa prática, conversas informais, trabalhos em grupo, projetos familiares, e de forma indireta, por meio de histórias e realização de dinâmicas. Para Fante (2005):

O ideal é que todas as escolas tomem a iniciativa de prevenir a violência antes que ela se instale em seu meio e inviabilize o processo educativo, chegando ao ponto de não conseguir resolver, de um modo geral, as questões ligadas principalmente aos conflitos interpessoais, geradores da violência (p. 96).

Assim, percebe-se que essas atividades são realizadas por apenas uma parte dos alunos e professores, por isso a importância da escola proporcionar mais atividades e projetos que tratam sobre o fenômeno *bullying* e que envolva todo o corpo docente e discente da escola.

Ao questionar que outras atividades a escola promove e que pode colaborar para minimizar a prática do *bullying*, 48% dos entrevistados responderam que a escola promove reuniões, palestras, cursos e projetos e 52% responderam não saber. Segundo Fante (2005):

O engajamento em projetos solidários levará os jovens a desenvolverem a responsabilidade social, a promoverem a cidadania, a capacidade de trabalhar em equipe, a se colocarem no lugar do outro e entender suas mazelas (p.136).

Percebe-se que os dados desta questão são coerentes com as informações obtidas anteriormente, onde a realização destas palestras, seminários e projetos não estão acessíveis a todos os professores e alunos da escola. Assim, é importante reafirmar que é essencial a democratização ao acesso a projetos, seminários, palestras que possam esclarecer e debater, no âmbito escolar, sobre o fenômeno de forma propositiva buscando soluções para os conflitos e problemas gerados pelo *bullying* dentro e fora das escolas.

Finalmente, com o intuito de perceber o que os professores, a orientadora educacional e a diretora pedagógica entendem por essa prática, foi questionado o conceito *bullying*. Assim, 19% responderam que o *bullying* trata-se de uma violência verbal e física, 43% responderam que é o uso de palavras e atitudes que causam dor e sofrimento, 14% acreditam que é uma forma de preconceito e discriminação e 24% não souberam responder o que é.

Assim, a maioria dos professores demonstrou saber, de maneira empírica, o que é o fenômeno *bullying*.

Conclusão

Para muitas crianças a escola é a primeira oportunidade de conviver com pessoas diferentes do seu núcleo familiar e essa diversidade propicia uma riqueza de experiências positivas em relação a isso, mas também pode proporcionar experiências traumatizantes.

É preciso que os seres humanos aprendam a viver juntos, sabendo reconhecer no próximo um estilo diferente de vida, trocando experiências e convivência, para que dessa forma seja possível resgatar valores esquecidos e considerados banais tanto na educação quanto na sociedade com o objetivo de uma melhor qualidade de vida.

A pesquisa realizada levou a identificar alguns aspectos em relação ao fenômeno *bullying*, onde constatou-se que o primeiro passo para que a prática do *bullying* seja banida do ambiente escolar, é admitir sua existência. Muitos profissionais em educação reconhecem que essa prática existe, podendo causar tanto problemas psicológicos quanto pedagógicos na vida do educando, mas acabam em muitas situações agindo com descaso e negligência em relação ao assunto, o que acarreta morosidade no processo de tomada de decisões para que sejam implantados projetos e medidas preventivas sobre essa prática.

Outro aspecto é a necessidade de se delimitar os papéis dos atores escolares, principalmente o do professor, uma vez que o mesmo é a referência dos alunos na escola e as vítimas do *bullying* provavelmente buscarão nele auxílio e solução para o problema. O fenômeno *bullying* é reconhecido pelos professores como uma prática constante na escola, porém o conceito da palavra *bullying* ainda não faz parte do vocabulário científico dos profissionais da escola. Assim, é necessário que os professores tenham cada vez mais conhecimento sobre essa prática, bem como suas conseqüências, com o intuito de iniciar um trabalho de conscientização com seus alunos.

A pesquisa demonstra que não só a direção da escola, mas todos os envolvidos com o ambiente escolar devem ter a iniciativa na elaboração de projetos que visem diminuir o sofrimento de crianças e adolescentes.

O *bullying* não pode ser ignorado, nem continuar sendo encarado simplesmente como “brincadeira”. As conseqüências desta prática na vida das crianças justificam a necessidade de se tomarem providências urgentes, investindo na formação moral e ética dos alunos. O

processo de resolução e convívio com os conflitos deve começar dentro de cada um, para que dessa maneira se possa aprender a conviver e respeitar as diferenças e individualidades.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e a Adolescência. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em <<http://www.bullying.com.br/BPrograma11.htm>> Acesso em: 21 de out. de 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo?: Prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. São Paulo: Itália Nova, 2004.

FANTE, Cleodelice. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2 ed. Campinas: Verus, 2005.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr.** (Rio de J.), Porto Alegre, v. 81, n. 5, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021>. Acesso em: 14 set. 2006.

LOPES NETO, Aramis A. e SAAVEDRA, Lúcia Helena. **Diga não para o Bullying!** Rio de Janeiro: Publicação financiada pela Petrobrás, 2003.

VASCONCELOS, Maria Drosila. PIERRE BOURDIE: A HERANÇA SOCIOLÓGICA. **Educação & Sociedade**. Campinas, v.23, n. 78, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em 08 de set. de 2007.

ZALUAR, A. LEAL M.C. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 45, 2001. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/107/10704508.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2007.